

FLÁVIO CARVALHO FERRAZ

A presença da cidade e de sua história nas subjetividades:

O CASO PARTICULAR DO TEATRO AMAZONAS



CULTURA



Edição
Governo do Estado



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

JOSÉ MELO

Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA

Secretário de Estado de Cultura

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

Secretárias Executivas

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Diretor do Departamento de Literatura

KARLA COLARES

JAIR JACQMONT

Assessores de Marketing

**Secretaria de
Estado de Cultura**

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1367

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br

culturamazonas.am.gov.br

© Flávio Roberto Carvalho Ferraz, 2012

EDITOR **Antônio Ausier Ramos**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA E PROJETO GRÁFICO **Ângelo Lopes**

FINALIZAÇÃO **André Martins**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **Gráfica Moderna**

REVISÃO **Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO **Ediana Palma**

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA **Luiz Felipe | Karla Colares**

F368p Ferraz, Flávio Roberto Carvalho.

A presença da cidade e de sua história nas subjetividades: o caso particular do Teatro Amazonas / Flávio Roberto Carvalho Ferraz. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

**106p. ; 15x21cm.
Inclui Referências.**

ISBN 978-85-64218-34-5

**1. Teatro Amazonas – Patrimônio Histórico. 2. Manaus.
3. Memória – Narrativa. I. Título.**

**CDD 363.69
CDU 792(811.3)**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

Brevíssima notícia sobre a história do Teatro Amazonas 15

Fundamentação e explicitação do método de pesquisa 17

A) Memória e narrativa 17

B) A recordação, seu valor e seu substrato sensorial 18

C) Da filosofia da memória de Bérghson à sociologia da memória coletiva de Halbwachs 25

D) Fundamentos de método: a tradição oral comunitária 28

E) Explicação do método: a amostra, o relato oral e a entrevista 31

ENTREVISTAS 35

1.^a Entrevista 37

2.^a Entrevista 47

3.^a Entrevista 55

4.^a Entrevista 61

5.^a Entrevista 75



CONCLUSÕES..... 87

A) O Teatro Amazonas e a identidade manauara e amazonense.. 89

B) A abertura para o mundo 91

C) O teatro enquanto logradouro público 94

D) O teatro enquanto elo histórico transgeracional..... 96

E) A atividade do imaginário coletivo 97

F) A preservação do patrimônio histórico material e narrativo. . 99

REFERÊNCIAS..... 103

INTRODUÇÃO

“A primeira vez que entrei no Teatro Amazonas, foi um encantamento. A beleza e a suntuosidade do teatro me fizeram ficar deslumbrada. Meu pai sempre me falava da beleza dos palácios e dos teatros do mundo, notadamente do Vaticano. Então pareceu-me que estava naquele palácio” (Chloé Loureiro, 1987, p. 187).

Considerando que o Teatro Amazonas tem sido visto, através de décadas, como uma espécie de “cartão-postal” privilegiado da cidade de Manaus, a presente pesquisa tem por objetivo investigar a representação subjetiva que esse monumento tem para a população da cidade, isto é, o seu significado no plano da história individual. Algumas questões a serem investigadas, desse modo, seriam: Quais as diversas representações subjetivas que podemos encontrar do Teatro Amazonas? Quais seriam as modalidades de afeto despertadas na população por essa construção e seus significados simbólicos? Qual o significado local de um monumento que, para o olhar estrangeiro, tem o valor símbolo de uma cidade inteira?

Memória e narrativa são dois conceitos que se fazem fundamentais para o presente trabalho, visto que se encontram tanto na fundamentação de seus objetivos como na constituição de seu método. A imagem e o significado da cidade e de seus logradouros, atrelados à sua função e a seu valor para cada um, só podem ser buscados nos domínios da memória e desvelados por meio da narrativa. O objetivo deste trabalho seria, em primeiro plano, o de coletar uma amostragem de um componente específico da memória da cidade, que é o Teatro Amazonas.

O meio ambiente, em todos os sentidos que este termo pode conter, tem papel ativo na formação das subjetividades. As cidades e seus logradouros, com toda a carga histórica que possuam, também tomam parte nesse processo de subjetivação. A relação do indivíduo com sua cidade é, assim, parte ativa em sua história subjetiva. Diz o arquiteto e urbanista M. C. Ferraz (1998) sobre a cidade:

“Dura, dolorida, áspera, real, física, intrigante, interessante, necessária, sedutora, apaixonante, abstrata, maravilhosa. Maravilhosa por ser o recipiente da existência, por excelência, nos tempos modernos. Recipiente da existência dos encontros dos diversos e das diversidades, do trabalho, do sonho realizável (...) enfim, da possibilidade plena de criar” (p. 2).

Toda comunidade tem suas construções históricas, logradouros, praças, ruas ou monumentos portadores de uma significação especial, que marcam a experiência de vida de seus habitantes, fornecendo uma determinada identidade coletiva. São marcos históricos que se convertem em símbolos e, dessa maneira, adquirem o poder de representar sentimentos comunitários os mais variados, de modo a participar da formação daquela unidade que congrega os indivíduos em uma determinada pertinência comunitária.

Certos monumentos condensam sentidos no plano da caracterização de uma identidade das cidades. Poderíamos lembrar, para exemplificar tal afirmativa, alguns casos notórios em que verificamos esse processo, ficando apenas na realidade brasileira: o Mercado Ver-o-Peso de Belém (PA), as ruas cujos nomes são prenes de significados simbólicos no centro histórico de São Luís (MA), o Teatro Castro Alves de Fortaleza (CE), o Largo do Pelourinho e o Mercado Modelo de Salvador (BA), o marco do Descobrimento em Porto Seguro (BA), o Convento da Penha em Vila Velha (ES), a estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro (RJ),

o Viaduto do Chá em São Paulo (SP), a Praça dos Três Poderes em Brasília (DF), e assim por diante.

Temos notícias até mesmo de cidades nas quais a própria população, de modo espontâneo e independente do poder e do erário públicos, engajou-se na preservação e na recuperação de suas construções urbanas que contavam com a história local e, desse modo, eram objeto de uma afetividade peculiar que unia as pessoas sob uma identidade grupal. Notável foi a participação da própria comunidade na conservação das construções importantes e do espaço urbano da cidade de Rio de Contas, na região da Chapada Diamantina, no Estado da Bahia. Exemplos similares encontramos no povoado de Conservatória (RJ), nas cidades de Pirenópolis (GO), Tiradentes e Diamantina (MG), Parati (RJ), Silveiras e São Luís do Paraitinga (SP), entre muitos outros. Esses fatos nos impelem a lembrar da ligação que existe entre esse espaço físico, psíquico e social¹ que é a cidade e o conceito da cidadania, mesmo que, hoje em dia, poucas pessoas lembrem-se de tal relação, apesar do óbvio. Há uma outra palavra que faz alusão ao relacionamento civilizado entre os seres humanos que também se liga à ideia do espaço urbano consubstanciado pela cidade: urbanidade (Ferraz, 1998).

Os marcos urbanos não são apenas entidades físicas que contam a história “oficial” das cidades, mas são, antes, cenários dos acontecimentos cotidianos da experiência de vida de cada um dentro do grupo social. Condensam e mesclam as experiências individuais e coletivas. Servem como cenários para o desenrolar da vida singular de cada sujeito e funcionam, simultaneamente, como ligação entre as pessoas de uma determinada época (no plano da temporalidade horizontal). Em outro plano (da temporalidade vertical), são elos entre as gerações que se sucedem, visto que sobrevivem a cada uma delas. Constituem, desse

1 “As tradições populares, as narrativas orais comunitárias, os festejos tradicionais (religiosos ou não), os mais diversos costumes locais, entre outros, seriam exemplos disso que chamo de “elementos organizadores da identidade coletiva”.

modo, um elemento vital dentre os organizadores de identidade coletiva do grupo social¹ no sentido histórico.

O Teatro Amazonas parece exercer esse papel para a cidade de Manaus, por ser um marco histórico que transcende suas fronteiras, ganhando o *status* de um bem que se tornou símbolo até mesmo do país. É evidente que a cidade de Manaus tem outros monumentos que podem muito bem representá-la. Mas o Teatro possui o caráter especial de ser conhecido além das fronteiras do Estado ou mesmo do país. Essa fama incrementa seu papel de símbolo urbano, pois realimenta seu potencial simbólico e introduz o afluxo de uma aura que a população percebe reforçada pelas alusões a ele feitas, pelo fluxo de visitantes que ele atrai, por sua relevância para a cultura local e, por fim, pelo mais singelo dos argumentos: sua beleza e complexidade estética e arquitetônica.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**